



**MARCAS NA TRAJETÓRIA E NO PRESENTE DO CATÓLICO CRISTIANISMO
DA LIBERTAÇÃO**

***HUELLAS EN LA TRAYECTORIA Y EN EL PRESENTE DEL CRISTIANISMO
CATÓLICO DE LIBERACIÓN***

***MARKS ON THE TRAJECTORY AND IN THE PRESENT OF CATHOLIC
LIBERATION CHRISTIANITY***



André Ricardo de SOUZA¹
e-mail: anrisouza@uol.com.br

Como referenciar este artigo:

SOUZA, A. R. Marcas na trajetória e no presente do católico cristianismo da libertação. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 28, n. 00, e023019, 2023. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v28i00.17460>



| **Submetido em:** 07/11/2022
| **Revisões requeridas em:** 26/12/2022
| **Aprovado em:** 14/08/2023
| **Publicado em:** 29/12/2023

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – SP – Brasil. Departamento de sociologia.

RESUMO: O cristianismo da libertação constituiu-se como um fenômeno religioso com desdobramentos políticos relevantes na América Latina, entre as décadas de 1960 e 80, no contexto de regimes militares e processos de reabertura democrática, sendo que este artigo enfoca o caso brasileiro. Abarcando também iniciativas protestantes, ele é fundamentalmente católico, tendo passado por um refluxo devido a posicionamentos dos papas João Paulo II e Bento XVI, assim como o avanço evangélico pentecostal e o crescimento do ideário neoliberal. Em face do pontificado de Francisco fatos novos ocorreram de modo a resgatar aspectos desse catolicismo politizado de esquerda, com destaque para determinada proposição econômica que gerou uma significativa mobilização no Brasil. O artigo, elaborado com base em consulta bibliográfica e pesquisa de campo, aborda essa trajetória do cristianismo da libertação.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo da libertação. Catolicismo. Papa Francisco. Economia de Francisco e Clara.

RESUMEN: *El cristianismo de liberación se constituyó como un fenómeno religioso con desarrollos políticos relevantes en América Latina, entre las décadas de 1960 y 1980, en el contexto de regímenes militares y procesos de reapertura democrática, y este artículo se centra en el caso brasileño. Englobando también iniciativas protestantes, es fundamentalmente católica, habiendo pasado por un reflujo debido a las posiciones de los papas Juan Pablo II y Benedicto XVI, así como al avance evangélico pentecostal y al crecimiento de la ideología neoliberal. Frente al pontificado de Francisco, ocurrieron nuevos hechos para rescatar aspectos de ese catolicismo politizado de izquierda, con énfasis en cierta propuesta económica que generó una importante movilización en Brasil. El artículo, basado en consulta bibliográfica e investigación de campo, aborda esta trayectoria del cristianismo de liberación.*

PALABRAS CLAVE: *Cristianismo de liberación. Catolicismo. Papa Francisco. Economía de Francisco y Clara.*

ABSTRACT: *Liberation Christianity was constituted as a religious phenomenon with relevant political consequences in Latin America, between the 1960s and 80s, in the context of military regimes and democratic reopening processes, and this article focuses on the Brazilian case. Also encompassing Protestant initiatives, it is fundamentally Catholic, having gone through a reflux due to the positions of Popes John Paul II and Benedict XVI, as well as the Pentecostal evangelical advance and the growth of neoliberal ideology. In face of Francis' pontificate, new facts occurred in order to rescue aspects of this left-wing politicized Catholicism, with emphasis on a certain economic proposition that generated a significant mobilization in Brazil. The article, based on bibliographic consultation and field research, addresses this trajectory of Liberation Christianity.*

KEYWORDS: *Liberation christianity. Catholicism. Pope Francis. Economy of Francis and Clara.*

Introdução

Em termos da confluência entre religião e política no Brasil, antes da emergência pentecostal, em meados dos anos 1980 (PIERUCCI, 1989; FRESTON, 1993), outro fenômeno religioso teve impacto e desdobramentos, no âmbito do catolicismo, trata-se do segmento católico influenciado pela Teologia da Libertação e composto pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e as pastorais sociais (MAINWARING, 1989; DOIMO, 1995). Tal vertente decorreu de um processo que antecedeu, mas teve expressivo impulso com o Concílio Vaticano II e a subsequente valorização dos leigos nos anos 1960, além do engajamento de politizados jovens católicos na França e na América Latina, o surgimento de grupos de reflexão bíblica e o fortalecimento dos movimentos de Educação de Base - MEB e da Ação Católica em suas variações: estudantil e operária (SOUZA, 1984; MACEDO, 1986; TEIXEIRA, 1988; SCHERER-WARREN, 1990; LÖWY; GARCÍA-RUIZ, 1997; WANDERLEY, 2007). Esse fenômeno se caracterizou não apenas pela atuação de católicos, mas também de adeptos do protestantismo histórico, identificados, em grande medida, com o chamado movimento ecumênico (ALTMAN, 1994). Por tais características, que extrapolam os limites católicos, todo esse conjunto foi chamado de *cristianismo da libertação* pelo sociólogo Michael Löwy (2000; 2016).

O cristianismo da libertação se expandiu entre os anos 1960 e 80, vindo a ter papel destacado no país, no contexto da reabertura democrática. Tal reabertura teve início ao final da década de 1970 e começou a encerrar com a eleição da Assembleia Constituinte, em 1986, este, que, por coincidência, foi o ano que marcou também a entrada efetiva dos evangélicos pentecostais nas nacionais disputas eleitorais (PIERUCCI, 1989; FRESTON, 1993). Em decorrência de tal fenômeno, especificamente no meio católico, ganharam força, entre as décadas subsequentes, expressões políticas de esquerda reivindicando direitos cidadãos.

Verifica-se, portanto, que o cristianismo da libertação influenciou de modo significativo uma parcela da sociedade brasileira, tendo desdobramentos relevantes mediante a formação de movimentos sociais, organizações da sociedade civil e uma das maiores legendas políticas de esquerda do mundo: o Partido dos Trabalhadores - PT. O cristianismo da libertação viria a passar por um intenso refluxo entre o último decênio do século XX e as duas primeiras décadas do centenário seguinte. As causas e as principais características de tal processo serão abordadas mais adiante, neste artigo. Cabe, por ora, apenas apontar que algo novo e importante no catolicismo mundial ocorreu mediante o início do pontificado de Francisco, em 2013, gerando

fatos que estão reverberando também no Brasil e fazem levantar indícios de que, talvez, um novo ciclo tenha iniciado.

Embora o cristianismo da libertação, evidentemente, não tenha terminado, fato é que sofreu significativo enfraquecimento, significando o período do Papa Francisco não uma forte retomada, propriamente dita, mas, sim e de alguma maneira, uma nova fase em sua história

O artigo discute os fatos marcantes da trajetória do cristianismo da libertação, seu nascedouro, desenvolvimento, grande enfraquecimento e o momento atual no Brasil em face da atuação de Francisco.

Origem e desenvolvimento do cristianismo da libertação

Costuma-se dizer que o Concílio Vaticano II - principal evento católico do século XX, ocorrido entre 1962 e 1965 - marcou o início de um processo de abertura e incentivo da igreja à participação de leigos em suas próprias organizações (PRANDI; SANTOS, 2015). Teriam sido plantadas ali as sementes tanto do cristianismo da libertação quanto do movimento politicamente conservador da Renovação Carismática Católica (PRANDI, 1997).

Círculos bíblicos, surgidos no campo e na cidade, viriam formar, naquela década, as CEBs, constituindo um “novo jeito de ser igreja”, caracterizado pela valorização maior dos leigos agentes de pastoral, principalmente as mulheres e pela contraposição constante à desigualdade social. Buscava combinar aspectos marxistas com a leitura contextualizada e crítica da Bíblia. Foi de fato importante a referência do educador Paulo Freire, sobremaneira sua obra *Pedagogia do oprimido* (1970) e a aplicação de sua metodologia pedagógica, semelhantemente ao que ocorria no âmbito do Movimento de Educação de Base - MEB (BRANDÃO, 1980; WANDERLEY, 1984). Há que se considerar também os relevantes desdobramentos juvenis da Ação Católica ocorridos no país, por influência principalmente da juventude católica francesa: a Juventude Operária Católica - JOC e a Juventude Universitária Católica - JUC (SOUZA, 2006).

No cenário do regime militar e mediante os estudos bíblicos, houve nas CEBs analogia entre o Egito Antigo, opressor do cativo povo hebreu, com o governo autoritário brasileiro e sua relação com a população pobre (MESTERS, 1986). A mobilização no campo, em sintonia com sindicatos rurais, e na cidade, reivindicando equipamentos urbanos e contra a carestia - modo pelo qual a inflação era chamada - fez surgir movimentos populares. Estava em curso o desenvolvimento das pastorais sociais.

Em face da interpretação religiosa do cristianismo da libertação quanto à ditadura então vigente, ativistas esquerdistas do movimento estudantil e de partidos políticos viriam encontrar na igreja certo refúgio para sua prática militante, contribuindo também para certa intelectualização desse meio (BEOZZO, 1984). Isso também ocorria em outros países latino-americanos, igualmente marcados por seus respectivos regimes militares (GOTAY, 1985). No Brasil teve destaque a atuação dos cardeais: dom Paulo Evaristo Arns, de São Paulo e dom Hélder Câmara, de Recife e Olinda, no enfrentamento de generais e pela busca de proteção a militantes - também freiras e padres - de tortura e extermínio, igualmente chamando certa atenção internacional para o fato (MAINWARING, 1989; SERBIN, 2001).

O endurecimento do regime do Brasil, a partir do Ato Institucional nº 5, em 1968, coincidiu com a realização, no mesmo ano, da Conferência Episcopal Latino-Americana em Medellín, Colômbia, quando a igreja continental fez uma importante inflexão assumindo pastoralmente a proposta de disseminação das CEBs e a perspectiva da Teologia da Libertação, mediante o lema da “Opção pelos pobres”. Houve certo encorajamento institucional para que os clérigos questionassem os governos autoritários e, em alguns casos, levassem ao extremo o enfrentamento deles, vindo até a participar de guerrilhas, serem torturados e assassinados, mesmo estando fora da luta armada (LÖWY, 2000; TAMAIO, 2018).

Há outra coincidência histórica envolvendo o Brasil e o catolicismo latino-americano. O marco de reabertura democrática no país foi a Lei da Anistia, em 1979, permitindo a volta de exilados políticos que se encontravam no estrangeiro, dentre eles o ex-militante da JUC e da Ação Popular (AP), Herbert de Souza, o sociólogo Betinho, cantado na música-símbolo daquele período “O bêbado e o equilibrista” (1979), de Aldir Blac (NAKANO; ROIMAN, 2001). No mesmo ano, aconteceu o segundo encontro da Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) - após sua criação, em 1955, no Rio de Janeiro, sob a liderança de dom Manuel Lleras, bispo chileno de Talca e de dom Hélder Câmara. O evento - ocorrido na cidade mexicana de Puebla, já no pontificado de João Paulo II, que fez espécie de intermediação entre interesses da cúria romana e o episcopado latino-americano - não foi tão crítico do *status quo* continental, como havia sido o de 1968, embora tenha confirmado a adesão dos bispos da região ao cristianismo da libertação (PASSOS, 2019).

Um ano antes, no Brasil, haviam eclodido as massivas greves do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista sob a liderança de Luiz Inácio da Silva, o Lula, iniciando o chamado novo sindicalismo, com apoio do então bispo de São Bernardo do Campo, dom Claudio Hummes e do ‘fundo de greve’, organizado em paróquias para sindicalistas com

salários suspensos. Tal fenômeno sociopolítico, contando com a adesão de mais agentes de pastoral, ganhou força, vindo a ensejar a criação do PT em 1980 e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1983 (RODRIGUES, 1988; MARTINS, 1994; SECCO, 2011).

No campesinato, a criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), ainda em 1975 - contando com decisiva participação do bispo da Diocese de Goiás, dom Tomás Balduino e de dom Pedro Casaldáliga, da mato-grossense prelazia de São Félix do Araguaia - viria contribuir para o fortalecimento do sindicalismo rural. A partir dela, surgiria no interior do Paraná, em 1984, aquele que veio a se tornar o maior movimento social do país, o dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST (PAIVA, 1985; MENEZES NETO, 2007; PY; PEDLWSKY, 2018). Verifica-se, portanto, que o cristianismo da libertação teve efeitos importantes, tanto no meio urbano, quanto no rural, com desdobramentos políticos expressivos.

O refluxo vivenciado

Embora a maioria das ditaduras militares latino-americanas já estivesse em declínio, a conferência continental de bispos, ocorrida em 1979, contou com a participação de João Paulo II, em seu segundo ano de pontificado, algo que contribuiu significativamente para fazê-la mais moderada que a anterior, realizada uma década antes na Colômbia. Quatro anos depois do evento em Puebla, o conservador papa polonês visitou a Nicarágua e lá repreendeu com dedo em riste o padre Ernesto Cardenal (de joelhos), que era então ministro da Cultura do governo que ele ajudou a formar, após a Revolução Sandinista, também ocorrida em 1979 e que teve a participação expressiva de militantes do catolicismo da libertação (CABESTRERO, 1983). Tal ato, permeado de simbolismo, marcou o que viria ser o papado de Karol Wojtyła.

Nos anos 1980, João Paulo II se aproximaria bastante do presidente estadunidense Ronald Reagan em sua cruzada contra os governos alinhados à União Soviética, algo que culminou com a derrubada do Muro de Berlim em 1989 e a subsequente desintegração do bloco socialista europeu (ESCURRA, 1984; DELLA CAVA, 1985). Naquele mesmo ano, o papa desferiu um expressivo golpe na ala progressista da igreja no Brasil ao reduzir a Arquidiocese de São Paulo, retirando dela amplas áreas das zonas Leste e Sul paulistanas, onde dom Paulo Evaristo Arns fazia significativo trabalho com CEBs e pastorais sociais (CARVALHO, 2013).

Outro fato emblemático ocorrido neste sentido, três anos depois, foi a punição imposta pelo então cardeal e prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o alemão Josef Ratzinger, ao frade franciscano Leonardo Boff, considerado junto com o padre peruano Gustavo Gutierrez

os dois principais teólogos da libertação (BOFF, 1981; GUTIERREZ, 1983). Boff foi proibido, em 1984, de fazer palestras e publicar, sendo ele o caso mais estridente entre os vários teólogos punidos por aquele que foi o braço direito de João Paulo II (LACERDA, 2009; LIBANIO, 1983).

O pontífice polonês levou adiante seu projeto de “restauração conservadora” da igreja mundial (DELLA CAVA, 1985), nomeando, gradativamente, bispos muito tradicionalistas em substituição àqueles que haviam participado do Conselho Vaticano II, assim como imprimindo contornos bem mais conservadores na formação em seminários dos novos padres. A reabertura democrática no Brasil fez com que a igreja deixasse de ser o espaço de acolhimento de militantes esquerdistas, agora, engajados de modo muito predominantemente em sindicatos, partidos, movimentos sociais e organizações não governamentais. Por outro lado, o desmoronamento do bloco socialista europeu, concomitantemente ao grande fortalecimento mundial do neoliberalismo, contribuiu para o enfraquecimento do pensamento de esquerda, inclusive no âmbito do cristianismo da libertação. E no cenário religioso nacional, estava já em destacado crescimento o pentecostalismo, acompanhado pelo conservador movimento da Renovação Carismática Católica (RCC) e certo refluxo das CEBs (PRANDI; SOUZA, 1996).

Os evangélicos pentecostais entraram no cenário político-partidário, vale lembrar, a partir da eleição da Assembleia Constituinte, em 1986, capitaneados pela Assembleia de Deus (AD) e movidos pela palavra de ordem: “Irmão vota em irmão” (SYLVESTRE, 1986; FRESTON, 1993). Outras igrejas teriam tal engajamento político, com destaque para a Universal do Reino de Deus (IURD), que, junto com outras denominações neopentecostais, além da AD e outras mais, teriam uma forte inserção televisiva nos anos posteriores, sendo que tudo isso contribuiu para o fortalecimento evangélico e o grande crescimento de seu rebanho no país. Por sua vez, a Igreja Católica buscou fazer frente a essa realidade dando aval e estímulo à RCC, que havia vindo dos Estados Unidos ao Brasil no início dos anos 1970 e obteve pleno vigor de expansão duas décadas depois (PRANDI, 1997). Sociologicamente, o movimento carismático constituiu uma busca católica de resposta dupla, por um lado oposta ao avanço pentecostal e, por outro, contrariamente às CEBs (PRANDI; SOUZA, 1996; ORO, 1996).

No âmbito do catolicismo carismático, surgiu outra forma de organização eclesial denominada Comunidade de Aliança e Vida. A Canção Nova, no interior paulista e liderada por um dos pioneiros da RCC no país, padre Jonas Abib, é a maior delas, constituindo uma rede própria, homônima, de televisão e rádio. Também no estado de São Paulo surgiram outras emissoras televisivas católicas com fortes traços carismáticos: a Rede Vida de Televisão e a

Século 21, sendo esta liderada por mais um iniciador da RCC no Brasil, o estadunidense padre jesuíta Eduardo Dougherty (CARRANZA; MARIZ; CAMURÇA, 2009; CARRANZA, 2011). E ainda neste meio, caracterizado pela confluência entre carismatismo católico e TV, surgiram os chamados padres cantores, tendo sido Marcelo Rossi o que mais chamou atenção, enquanto busca da igreja por fazer frente ao avanço pentecostal, sendo algo oposto ao cristianismo da libertação (SOUZA, 2005), dada sua despolitização e ênfase na vivência emocional dos indivíduos, em vez das questões sociais, sobremaneira a desigualdade.

Quando Joseph Ratzinger - tornado Bento XVI e sucessor de João Paulo II - veio ao Brasil, em 2007, encontrou no país o cristianismo da libertação já bastante enfraquecido. Nem assim ele aceitou encontrar o então badalado padre Rossi. Desta maneira, o papa alemão ressaltou sua posição bastante conservadora, também em relação às inovações midiáticas decorrentes do catolicismo carismático.

A despeito dos pontificados nitidamente contrários de João Paulo II e Bento XVI, o catolicismo da libertação subsistiu e conseguiu manter certa influência sobre a CNBB, sobremaneira em relação aos posicionamentos da entidade nacional de bispos contendo críticas às liberais políticas econômicas de governos, bem mais afeitas a interesses de empresários do que de trabalhadores. Nas bases de dioceses e paróquias, entretanto, tal influência diminuiu bastante, em grande medida, devido à substituição de bispos e padres, após falecimentos e aposentadorias, por outros mais conservadores.

Francisco e um determinado resgate

Como se sabe, Bento XVI enfrentaria, em 2012, uma grande crise no governo da igreja, caracterizada por escândalos sexuais (com foco na pedofilia) e, sobremaneira, financeiros, envolvendo o Instituto para as Obras de Religião (IOR), conhecido como Banco do Vaticano (DALAI; DANTAS, 2012), fazendo com que em 28 de fevereiro de 2013, após seis séculos, acontecesse novamente a renúncia de um papa. No conclave finalizado em 13 de março daquele ano, tornou-se pontífice o cardeal de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, primeiro latino-americano e jesuíta eleito papa. Ao assumir o nome Francisco, em homenagem ao santo de Assis e ter expressivos gestos e atos condizentes², o argentino iniciava uma nova fase, após dois

² Trata-se, sobremaneira, do ritual simplificado através do qual ele optou por ser introduzido no cargo, assim como o fato de residir e em uma modesta acomodação no Vaticano, fazer refeições no refeitório com outras pessoas e usar carro popular para locomoção.

pontificados seguidos, na trajetória da instituição romana, tendo sido estes de caráter bastante clerical e conservador.

Após a inédita simplicidade que caracterizou o ritual de entronização, o primeiro gesto expressivo do papa Francisco foi a celebração, em 8 de julho de 2013, na mediterrânea ilha de Lampedusa denunciando a condição dos refugiados africanos que buscam a Europa, sendo parte deles vitimados por naufrágio (PIQUÉ, 2014). No ano seguinte, o pontífice recebeu, em audiência, líderes políticos socialistas, inclusive do Partido da Esquerda Europeia, quando se decidiu iniciar um processo de diálogo entre marxistas e católicos, algo que tomou a forma de vários encontros, culminando num curso de verão ocorrido em 2018 na Grécia (LÖWY, 2020).

Ainda no plano do posicionamento político internacional, de caráter progressista, Francisco veio a intermediar negociações entre Cuba e Estados Unidos, em setembro de 2015, quando este país ainda era governado por Barack Obama e foi visitado pelo pontífice, após passar pela ilha caribenha³. Nas eleições estadunidenses do ano seguinte, enquanto o candidato ultradireitista que viria vencê-las, Donald Trump, teve como principal bandeira de campanha o propósito de erguer um muro anti-imigração entre seu país e o México, o papa argentino defendeu formar “pontes” entre nações e indivíduos diferentes⁴. Em julho de 2015, Francisco havia sido recebido na Bolívia pelo então presidente Evo Morales no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, evento em que fez um discurso eloquente ressaltando as contradições do capitalismo em sua fase neoliberal⁵. As visitas feitas a Bolívia e Cuba, assim como a publicação, em maio, da encíclica *Laudato Si'* - na qual criticou o capitalismo, embora não o tenha nominado, preferindo chamá-lo de “sistema atual”, reverberando afirmações da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, de 2013 - fizeram com que o pontífice fosse chamado de “marxista” por extremistas de direita estadunidenses (NEVES, 2016; COELHO, 2018). Cabe dizer que Bergoglio se pauta, desde o período como cardeal em Buenos Aires (1997; 2013), pela semelhante, porém não marxista, Teologia do Povo, propalada pelo teólogo, igualmente jesuíta e argentino, Juan Carlos Scannone (2019).

Em termos estritamente pastorais, o ex-cardeal de Buenos Aires deu passos relevantes, em consonância com o cristianismo da libertação. Recebeu no Vaticano, em 2013, o padre

³ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/09/24/interna_internacional,691546/papa-francisco-faz-discurso-historico-no-congresso-dos-estados-unidos.shtml. Acesso em: 10 mar. 2022

⁴ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/09/24/interna_internacional,691546/papa-francisco-faz-discurso-historico-no-congresso-dos-estados-unidos.shtml. Acesso em: 05 out. 2020.

⁵ Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/confira-a-integra-do-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-mundial-dos-movimentos-populares/>. Acesso em: 30 set. 2020.

peruano Gustavo Gutiérrez, pioneiro na disseminação dessa vertente teológica libertária. Cinco anos depois, canonizou dom Oscar Romero, o arcebispo salvadorenho executado em 1980 por militares de seu país, enquanto celebrava uma missa (BINGEMER, 2012). Outra canonização marcante foi a do papa João XXIII, que, Bergoglio, diplomaticamente, realizou em 2014 junto com a de João Paulo II. Quatro anos depois, Francisco conduziu no Vaticano o Sínodo da Amazônia, voltado para as questões desse bioma continental e a escassez de padres na região, valorizando o papel dos leigos, tendo ele promovido e valorizado o conjunto amplo de entidades integrantes da Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM (HUMMES, 2019; SILVEIRA; PY; REIS, 2019).

No dia 1º de maio de 2019, simbólica data do Trabalhador, o papa argentino iniciou algo novo ao convocar, para março seguinte, um encontro mundial reunindo em Assis, Itália, jovens, ativistas e renomados intelectuais⁶ para repensar o desenvolvimento econômico do planeta, buscando enfrentar a desigualdade e o aquecimento global. O evento, que reverencia o santo medieval e é denominado Economia de Francisco (EoF), veio ocorrer remotamente, em novembro de 2020, devido à pandemia do Covid-19. Entre os dias 22 e 24 de setembro de 2022, enfim, o evento aconteceu presencialmente na cidade italiana, contando com a participação de dois mil jovens de diferentes países, sendo duzentos brasileiros, parte deles atuantes em pastorais sociais católicas. Em seu discurso no dia de encerramento, selando o “Pacto de Assis”, papa Francisco, além de chamar a atenção para a questão climática e a necessidade de mudanças não superficiais, mas sim estruturais, fez menção crítica ao capitalismo duas vezes:

Pois bem, a primeira economia de mercado nasceu na Europa do século XIII, em contacto diário com os frades franciscanos, que eram amigos daqueles primeiros mercadores. Sem dúvida, essa economia criava riqueza, mas não desprezava a pobreza. Criar riqueza sem desprezar a pobreza (...) Por fim, há uma insustentabilidade *espiritual* do nosso capitalismo. O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, antes de ser um averiguador de bens, é um indagador de sentido (...) O nosso capitalismo, ao contrário, quer ajudar os pobres mas não os estima, não compreende a bem-aventurança paradoxal: “Bem-aventurados os pobres” (cf. *Lc* 6, 20)⁷.

No Brasil, essa convocação pontifícia, feita inicialmente em 2019, gerou expressiva mobilização de jovens, não só católicos, além de agentes de pastoral, professores universitários, militantes de movimentos sociais e entidades voltadas ao cooperativismo autogestionário e à

⁶ Com destaque para o indiano Amartya Sen, professor de economia da Universidade de Harvard e o também economista, porém bengali e vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 2006, Muhammad Yunus.

⁷ Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220924-visita-assis.html>. Acesso em: 14 out. 2022.

agroecologia. Promovendo encontros em dioceses e universidades católicas, embora com características ecumênicas, tal mobilização ganhou o nome de Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC), homenageando a santa colaboradora de Francisco de Assis e reivindicando paridade de gênero, sendo algo combinado com uma ideia mais ampla de “equilíbrio”:

No caminhar junto, feminino e masculino buscam novos paradigmas: da competição para a colaboração; do egoísmo para a generosidade; da exploração para a sustentabilidade; da acumulação para a distribuição; do desequilíbrio nas relações entre pessoas e países para o equilíbrio, com comércio justo e solidário; do consumo desenfreado ao consumo responsável; da ganância ao altruísmo (...) a espiritualidade deve ser contemplada na Economia de Francisco e Clara a partir do exemplo iniciado pelo jovem de Assis, que se despojou de bens materiais para se enriquecer espiritualmente⁸.

A ABEFC adotou para si dez princípios que devem balizar suas ações, de modo a buscar:

- a) economia a serviço da vida;
- b) economia que considere a espiritualidade como dimensão que favoreça o afeto e a solidariedade;
- c) economia circular e integrada que elimine os hábitos de consumo de energias não renováveis e valorize as formas de energia sustentáveis;
- d) economia baseada na alimentação saudável e agricultura familiar que proteja os Direitos da Natureza;
- e) economia que evite a mercantilização de bens comuns como educação e saúde;
- f) economia que desenvolva outras formas solidárias, popular que valorize a comunhão;
- g) economia global menos desigual que rediscuta as dívidas internacionais com tributação mais social e ecológica;
- h) economia contra o Estado mínimo, por um Estado que seja estrutura de promoção do equilíbrio entre igualdade e liberdade;
- i) economia que valorize os coletivos, as comunidades, os grupos politicamente minoritários e socialmente desprivilegiados;
- j) economia do trabalho universal que evite a precarização do trabalhador⁹.

Além da busca de paridade de gênero, outra marca da ABEFC é a militância anticapitalista. Esta decorreu sobremaneira de uma nota de repúdio da Articulação Brasileira, em relação ao Conselho para o Capitalismo Inclusivo, lançado em 8 de dezembro de 2020 por 27 grandes investidores e empresários de corporações multinacionais, em parceria com o Vaticano, através da intermediação do cardeal ganês Peter Tukson, responsável pelo **Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral, o mesmo departamento do governo**

⁸ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594766-carta-de-clara-e-francisco-direto-do-brasil-para-o-encontro-mundial-em-assis>; acesso em: 18/07/2020.

⁹ Disponível em: <http://economiadefranciscoeclara.com.br/10-principios-da-economia-de-francisco-e-clara/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

da igreja incumbido da organização do EoF¹⁰. Embora o pontífice tenha dado anuência à articulação corporativa do bispo africano e o economista e diretor científico do EoF, Luigino Bruni, possua escritos a favor do que ele chama de “capitalismo comunitário” (BRUNI, 2020), a mobilização brasileira é marcada pelo posicionamento político de esquerda e contrário ao capitalismo, reivindicando uma sociedade organizada a partir de outros parâmetros (BETTO, 2019; OLIVEIRA, 2020; SOUZA, 2020). Verifica-se no posicionamento da ABEFC, portanto, uma coerência com a postura do pontífice argentino, em termos de solidariedade aos mais pobres e questionamento do sistema econômico que os marginaliza, sendo estas marcas do cristianismo da libertação.

No âmbito dessa rede brasileira, formada a partir do chamado de Francisco, ocorre o engajamento, não apenas de agentes de pastoral, mas também de militantes de movimentos sociais¹¹, estudantes e professores universitários, além de políticos, com destaque para o ex-senador e atual deputado estadual paulista pelo PT, Eduardo Suplicy, com sua bandeira da renda básica (SUPLICY, 2020). Tendo elaborado um material específico para a Campanha da Fraternidade de 2022, sobre o tema da educação, a ABEFC conta com respaldo da CNBB, cujos dirigentes já se reuniram com sua coordenação e a participação de agentes pastorais, inclusive representante da importante organização Cáritas Brasileira. No clero, tem destaque, em termos desse apoio, o bispo auxiliar de Belo Horizonte, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da CNBB e ex-reitor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, dom Joaquim Mol e bispo auxiliar de Belo Horizonte, assim como dom Vicente de Paulo Ferreira, também auxiliar da mesma arquidiocese. A partir da PUC Minas, se está buscando uma articulação com outras universidades católicas, mediante a realização de atividades sobre o tema, com vistas a introduzir modificações nos programas dos cursos de economia e inserção de disciplina sobre a Economia de Francisco na grade curricular de outros cursos.

Somada a mobilização pela Economia de Francisco e Clara à continuidade de atividades e eventos caracterizados pela presença de agentes de pastoral ditos progressistas, como Semana Social Brasileira (em sua 6ª edição), o Grito dos Excluídos (28ª edição) e o Encontro

¹⁰ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/605742-sobre-o-lancamento-do-conselho-para-o-capitalismo-inclusivo-com-o-vaticano-nota-da-articulacao-brasileira-pela-economia-de-francisco-e-clara>. Acesso em: 22 dez. 2020.

¹¹ Sobressaindo algumas entidades representativas de tais movimentos: Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), Rede Brasileira de Bancos Comunitários, Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), União Nacional das Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis (Unicatadores), Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (Unisol Brasil), União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar (Unicafes) e a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (Concrab-MST).

Intereclesial de CEBs (15ª edição), observa-se certa resiliência do católico cristianismo da libertação.

Considerações finais

O catolicismo latino-americano viveu expressivas mudanças, a partir da década de 1960, com a formação e os desdobramentos do cristianismo da libertação, algo que esteve significativamente presente nas lutas nacionais contrárias aos regimes militares e até mesmo num processo revolucionário, com decorrente surgimento de um novo governo, no caso da Nicarágua. Especificamente no Brasil, o catolicismo da libertação, como visto, teve bastante importância no surgimento do novo sindicalismo, do PT e do MST, além de outros movimentos sociais menores e de ONGs, algumas de abrangência nacional como a Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional - FASE (SOUZA, 2013). Constituiu, como se sabe, um espaço importante de acolhimento de militantes esquerdistas de partidos e sindicatos, perseguidos pela ditadura militar e de formação de destacados ativistas sociais¹². Em grande medida, veio a gerar também, entre os anos 1990 e 2000, um conjunto de iniciativas econômicas pautadas pelo princípio da autogestão - grupos comunitários de produção coletiva - contando com o protagonismo da Cáritas Brasileira e chamado de economia solidária (SOUZA, 2013).

A partir da segunda metade dos 1980, verificamos ter ocorrido alteração contundente no cenário nacional, também religioso, pois após a reabertura democrática, a igreja perdeu parte da relevância que tinha, em termos políticos, passando por certo esvaziamento de agentes pastorais que se tornaram militantes de movimentos, sindicatos, partidos e ONGs. De outro lado, os evangélicos pentecostais entraram ativamente na política partidária, sendo que o proselitismo desse segmento religioso só fez aumentar com o desenvolvimento do neopentecostalismo e a atuação de suas denominações, tanto na arena política quanto nas mídias eletrônicas (MARIANO, 1999; BAPTISTA, 2009). Sob o pontificado bastante conservador de João Paulo II houve grande combate ao cristianismo da libertação e apoio, em várias dioceses, a seu principal oponente no meio eclesial brasileiro: o movimento da RCC.

O papa Bento XVI veio reforçar a mundial posição institucional da igreja opostamente ao cristianismo da libertação, porém sem grandes incentivos ao movimento carismático católico

¹² Entre os militantes, chamo atenção para os ex-ministros dos governos Lula e Dilma Rousseff: Patrus Ananias (Desenvolvimento Social) e Gilberto Carvalho (Secretaria Geral da Presidência da República). Cabe dizer que este, mesmo sem cargo em governo, segue atuando junto ao, novamente presidente Lula, inclusive na interlocução com lideranças religiosas, não apenas católicas.

e menos ainda aos chamados padres cantores. Tal pontífice fez questão de demonstrar despreocupação em relação à concorrência católica com as denominações evangélicas, optando, na prática, por uma igreja voltada para si mesma. Diante do grave quadro de crises eclesiais, Ratzinger surpreendeu ao renunciar, em 2013, propiciando que no conclave seguinte uma mudança expressiva viesse a ocorrer, quando Bergoglio se tornou o papa Francisco. Desde então, o catolicismo ditado pelo Vaticano vem vivenciando atos pontifícios considerados progressistas, em termos de moral sexual e familiar, com expressões respeitadas e até valorativas a indivíduos homossexuais e divorciados; de política internacional, sobremaneira mediante a solidariedade a Cuba e Bolívia; e quanto ao catolicismo da libertação, através da interlocução com seus teólogos e a emblemática canonização de Oscar Romero.

No Brasil, alguma influência política de Francisco se pode depreender do fato de ele ter se contraposto enfaticamente a Jair Bolsonaro quanto a questões ambientais na 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e no Sínodo da Amazônia, em 2019, mas, principalmente, ao receber Lula, então recém-saído da prisão, no Vaticano, abençoando-o ostensivamente, conforme as imagens do encontro, algo que ajudou a reestabelecer a imagem do líder do PT, contribuindo, de algum modo, para que ele chegasse à exitosa campanha presidencial, em 2022, contra o extremista de direita. Do ponto de vista pastoral, ainda há dúvida sobre o grau de influência do papa argentino nas bases paroquiais, embora a CNBB e coletivos de padres e bispos tenham se manifestado através de contundentes cartas públicas contra o governo de Bolsonaro (SOUZA; BATISTA, 2021).

A demonstração mais visível da influência de Francisco no Brasil se observa na mobilização em torno da proposta dele para repensar o desenvolvimento econômico planetário mediante parâmetros ambientais. Realizando a ABEFC eventos presenciais e remotos com público expressivo e a participação de freiras, clérigos (inclusive dirigentes da CNBB) lideranças de outras vertentes religiosas¹³, intelectuais, representantes de movimentos sociais e expoentes da Teologia da Libertação, com destaque para Leonardo Boff, ela vem tendo razoável crescimento nos três anos, desde que começou a ser formada. Com sua propalada militância anticapitalista, reivindicando políticas públicas concernentes, tal rede constitui a decorrência expressiva mais recente do cristianismo da libertação.

Embora tenha havido notório refluxo, a partir dos anos 1990 (PRANDI; SOUZA, 1996), observa-se que o cristianismo da libertação deixou marcas profundas em congregações

¹³ Destaque para a luterana pastora Romi Bencke, secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC.

religiosas, pastorais sociais e na própria CNBB, que costuma ter contundentes posicionamentos quanto ao cenário socioeconômico e político do país. A dimensão de sua abrangência e o poder de influência na sociedade brasileira diminuiu em face do grande avanço evangélico pentecostal, assim como o crescimento de feições católicas conservadoras, principalmente a RCC e, mais que tudo isso, o grande avanço da chamada cultura política neoliberal, valorizando bem mais aspectos individuais e de consumo do que comunitários e associativos. Nesse contexto, a emergência do papa Francisco, com suas relevantes iniciativas progressistas, veio trazer ares novos, havendo destaque para a mobilização formada com vistas à busca de mudanças socioeconômicas, tendo como referência os santos de Assis.

Verifica-se, portanto, que a Economia de Francisco e Clara constitui uma parcela com crescente relevância do cristianismo da libertação, fenômeno este, que, embora tenha se enfraquecido nas três últimas décadas, prossegue com certa relevância no cenário religioso e político nacional.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, W. **Lutero e libertação**: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Sinodal, 1994.
- BAPTISTA, S. **Pentecostais e neopentecostais na política brasileira**: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo: Instituto Metodista Izabela Hendrix e Annablume, 2009.
- BEOZZO, J. O. **Cristãos na universidade e na política**: história da JUC e da AP. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- BETIATO, M. A. **Papa Francisco**: a semântica missionária de uma igreja em saída. Tese de doutorado em teologia. Curitiba: PUCPR, 2018.
- BETTO, F. A economia de Francisco. **Brasil de Fato**, 19 ago. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2019/08/19/artigo-or-a-economia-de-francisco>. Acesso em: 20 maio 2020.
- BINGEMER, M. C. L. **Dom Oscar Romero**: mártir da libertação. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Santuário, 2012.
- BOFF, L. **Igreja, carisma e poder**: ensaios de eclesiologia militante. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- BRANDÃO, C. R. **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRUNI, L. Entrevista: “Vou falar sobre a economia segundo Francisco”. **IHU Online**, 15 set. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602846-vou-falar-sobre-a-economia-segundo-francisco-entrevista-com-luigino-bruni>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CABESTRERO, T. **Ministros de Deus, ministros do povo**: testemunho de três sacerdotes no governo revolucionário da Nicarágua: Ernesto Cardenal, Miguel d'Escoto, Fernando Cardenal. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

CARRANZA, B. **Catolicismo midiático**. Aparecida: Idéias & Letras, 2011.

CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (org.). **Novas comunidades católicas**: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

CARVALHO, R. (org.). **O cardeal da resistência**: as muitas vidas de Dom Paulo Evaristo Arns. São Paulo: Instituto Vladimir Herzog, 2013.

COELHO, A. S. Entre acusações e perplexidades: o anticapitalismo e o papa Francisco. **Caminhos**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 63-81, 2018.

DALAI, D.; DANTAS, G. **A renúncia do papa Bento XVI e a profunda crise da Igreja Católica**. Brasília: Centelha Cultural, 2012.

DELLA CAVA, R. A ofensiva vaticana. **Religião e Sociedade**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 38-83, 1985.

DOIMO, A. M. **A vez e a voz do popular**: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume Dumará e ANPOCS, 1993.

ESCURRA, A. M. **O Vaticano e o Governo Reagan**: convergências na América Central. São Paulo: Hucitec, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FRESTON, P. **Protestantes e políticas no Brasil**: da Constituinte ao impeachment. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

GOTAY, S. S. **O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe**. São Paulo: Paulinas, 1989.

LACERDA, L. **Uma análise da polêmica em torno do livro Igreja, carisma e poder na Arquidiocese do Rio de Janeiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LIBÂNIO, J. B. **A volta à grande disciplina**. São Paulo: Loyola, 1983.

LÖWY, M.; GARCÍA-RUIZ, J. Les sources françaises du christianisme de la libération au Brésil. **Archives de Sciences Sociales des Religions**, [S. l.], p. 9-32, 1997.

LÖWY, M. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LÖWY, M. **O que é cristianismo da libertação?** Religião e política na América Latina. São Paulo: Perseu Abramo e Expressão Popular, 2016.

LÖWY, M. Considerações sobre o Papa Francisco. **A Terra Redonda**, 1 mar. 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/consideracoes-sobre-o-papa-francisco/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

GUTIÉRREZ, G. **Teologia da libertação: perspectivas**. São Paulo: Loyola, 1983.

HUMMES, C. **O sínodo para a Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2019.

MACEDO, C. C. **Tempo de gênese**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAINWARING, S. **O surgimento da igreja popular, 1964-1973**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MENEZES NETO, A. J. A Igreja Católica e os movimentos sociais do campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. **Cadernos CRH**, [S. l.], v. 20, n. 50, p. 331-342, 2007.

MESTERS, C. **Bíblia: livro da aliança (Êxodo 19-24)**. São Paulo, Paulina, 1986.

NAKANO, M.; ROIMAN, A. (org.). **Estreitando nós: lembranças de um: lembranças de um semeador de utopias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

NEVES, J. C. **A economia de Francisco: diagnósticos de um equívoco**. Cascais: Principia, 2016.

ORO, A. P. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

OLIVEIRA, P. A. R. Economia de Francisco e Clara para quê? **Iser Assessoria**, 18 set. 2020. Disponível em: <https://iserassessoria.org.br/pedro-a-ribeiro-de-oliveira-economia-de-francisco-e-clara-para-que/>. Acesso em: 20 out. 2020.

PAIVA, V. **Igreja e questão agrária**. São Paulo: Loyola, 1985.

PASSOS, J. D. **A teologia de Puebla: lutas, ambiguidades e continuidades**. **Horizonte**, [S. l.], v. 17, n. 54, p. 1386-1407, 2019.

PIERUCCI, A. F. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. **Ciências Sociais Hoje**, 1989. **Vértice - Revista dos Tribunais**, [S. l.], p. 104-132, 1989.

PIQUÉ, E. **Papa Francisco: vida e revolução**. São Paulo: Leya, 2014.

PRANDI, R. **Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático**. São Paulo: EDUSP e FAPESP, 1997.

PRANDI, R.; SANTOS, R. W. Mudança religiosa na sociedade secularizada: o Brasil 50 anos após o Concílio Vaticano II. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, [S. l.], v. 5, p. 351-379, 2015.

PRANDI, R.; SOUZA, A. R. A carismática despolitização da Igreja Católica. In: PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PY, F.; PEDLOWSKI, M. A. Atuação de religiosos luteranos nos movimentos sociais rurais no Brasil (1975-1985). **Tempo**, v. 24, p. 233-252, 2018.

RODRIGUES, I. J. Igreja e Movimento Operário Nas Origens do Novo Sindicalismo no Brasil (1964-1978). **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 28, p. 25-28, 1988.

SCANNONE, J. C. **A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2019.

SCHERER-WARREM, I. Redescobrimo a nossa dignidade: uma avaliação da libertação na América Latina. **Religião e Sociedade**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 162-177, 1990.

SECCO, L. **História do PT**. São Paulo: Ateliê, 2011.

SERBIN, K. **Diálogos nas sombras: bispos e militares, tortura e justiça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVEIRA, E. J. S.; PY, F.; REIS, M. V. F. O Sínodo da Amazônia e os dilemas do catolicismo. **Revista Pistis & Práxis: Teologia e Pastoral**, [S. l.], v. 11, p. 669-691, 2019.

SOUZA, A. R. **Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing**. São Paulo: Annablume e FAPESP, 2005.

SOUZA, A. R. **Os laços entre igreja, governo e economia solidária**. São Carlos, SP: EDUFSCar e FAPESP, 2013.

SOUZA, A. R. Pilares da Economia de Francisco e Clara e o enfrentamento da profunda crise. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 367-377, 2020.

SOUZA, A. R.; BATISTA, B. M. Os efeitos políticos no Brasil dos sete anos iniciais do papa Francisco. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [S. l.], Ano XIII, n. 39, p. 189-206, 2021.

SOUZA, L. A. G. **A JUC, os estudantes e a política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

SOUZA, N. Ação católica: militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**, [S. l.], v. 15, n. 55, p. 39-59, abr./jun. 2006.

SUPLICY, E. M. **Renda básica de cidadania: a saída é pela porta.** São Paulo, Cortez e Fundação Perseu Abramo, 2013.

SYLVESTRE, J. **Irmão vota em irmão: os evangélicos, a Constituinte e a Bíblia.** Brasília, DF: Pergaminho. 1986.

TAMAYO, J.-J. Medellín: del cristianismo colonial al cristianismo liberador. **REVER**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 13-34, 2018.

TEIXEIRA, F. **A gênese das CEBs no Brasil: elementos explicativos.** São Paulo: Paulinas, 1988.

WANDERLEY, L. E. **Educar para transformar: educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

WANDERLEY, L. E. **Democracia e igreja popular.** São Paulo: EDUC, 2007.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não se aplica.

Financiamento: CNPq.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho respeitou as disposições éticas de pesquisa.

Disponibilidade de dados e material: Sim. Além dos livros e capítulos de livros publicados e que podem ser publicamente acessados, os artigos de periódicos científicos, teses de doutorado e dissertações de mestrado estão disponíveis na internet.

Contribuições dos autores: Toda a elaboração do artigo foi feita por André Ricardo de Souza.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

